

# O INTERTEXTO DE WILSON BUENO EM A *COPISTA DE KAFKA*<sup>1</sup>

Rauer Ribeiro RODRIGUES<sup>2</sup>

BUENO, W. *A copista de Kafka*. São Paulo: Planeta, 2007.

O livro *A copista de Kafka*, de Wilson Bueno (o escritor nasceu em Jaguapitã, PR, em 1949), apresenta-se, desde o título, como imerso no universo de Franz Kafka (1883-1924), o que a atmosfera da capa e da diagramação do volume enfatiza. A obra foi indicada para o Prêmio Portugal Telecom 2008, na categoria romance, e foi considerada, pela APCA, a melhor coletânea de contos de 2007. Se na ambiguidade e deslizamento de fronteiras quanto ao gênero percebemos originalidade e inquietação, no âmbito da intertextualidade a narrativa soçobra diante do universo kafkiano.

Desde que Kristeva (apud SAMOYAUULT, 2008, p.16)<sup>3</sup>, inspirando-se em Bakhtin, propôs nos anos 1960 que “[...] todo texto se constrói como um mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto [...]”, a consciência criadora como uma relação de imanências textuais se impôs entre as estratégias narrativas preferidas dos escritores contemporâneos. Barthes (apud SAMOYAUULT, 2008, p.23-24)<sup>4</sup> delimitou o tema do seguinte modo: “A intertextualidade não se reduz evidentemente a um problema de fontes ou de influências; o intertexto é um campo geral de fórmulas anônimas, cuja origem é raramente localizável, de citações inconscientes ou automáticas, feitas sem aspas.”

A intertextualidade nos coloca, pois, autorias em conúbio. Dessa aproximação eletiva, os aspectos reavidos podem ser, entre outros, temáticos, discursivos, narrativos, linguísticos. O texto, como trama tecida que é amálgama, fundiona os diversos aspectos, propondo efeitos de sentido definidores de autoria. Gradação ampla e milimétrica, para nos valermos de metáfora espacial, percorre a gama

---

<sup>1</sup> Esta resenha resultou da atuação como comentador da comunicação “A leitura de Kafka na escrita de Wilson Bueno”, apresentada pelo Prof. Dr. Antonio Rodrigues Belon (CPTL-UFMS) no XI Congresso Internacional da ABRALIC realizado em 2008 na USP.

<sup>2</sup> UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Câmpus do Pantanal – Departamento de Ciências Humanas e Letras - Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos de Linguagens. Corumbá – MS – Brasil. 79304-020.– rauer.rauer@uol.com.br

<sup>3</sup> Refere-se à obra *Séméiotikè*, de 1969.

<sup>4</sup> Refere-se ao verbete “*Texte (théorie du)*”, *Encyclopædia Universalis*, 1973.

das possibilidades intertextuais, manipulando de cada um a todos os aspectos que constroem um texto como retomada de outro texto.

Assim, podemos ter de uma pálida lembrança que aflora na colocação de uma única vírgula, resgate de tal opção em texto outro, a uma cópia completa, entretanto texto novo e diferente, tal como o paradoxo proposto por Borges em “Pierre Menard, autor de Quixote”.

A obra de Kafka, em muitos momentos, enceta diálogo com obras canônicas da literatura universal. Judeu que escreveu na língua do dominador alemão, o escritor manifestava-se sempre como um estrangeiro no mundo. Tal percepção parece fazer sentido quando se observa que sua nacionalidade tcheca e seu idioma literário não condiziam com a sua identidade familiar, situação agravada pelo fato de se sentir um corpo estranho no âmbito da própria família. Sua pátria – e ele, em suas cartas, assim se expressou – era a literatura.

Quanto às obras de Wilson Bueno, elas transitam pelo português brasileiro, pelo espanhol paraguaio, pelo Guaraní e peloportunhol. Sua pátria é o trabalho obsessivo com a linguagem. Em alguns momentos, seu universo tangencia o mítico de Guimarães Rosa, assim como evoca a longa tradição fabular, cuja origem se perde na memória dos tempos. Nesse aspecto, dialoga com as narrativas ensaísticas de Borges, ao mesmo tempo em que sua dicção guarda, aqui e ali, ecos do regionalismo de Simões Lopes Neto.

Já em Kafka, a linguagem – com algo do formalismo jurídico derivado da formação em direito do autor, que atuou como advogado em empresas e em órgãos públicos – causa estranheza. Sua visão de mundo ressalta o horror que constitui a sociedade e que lhe parece inerente ao ser humano. Ler Kafka é vivenciar uma aventura inusitada. Por outro lado, a leitura de *A copista* nos mostra os efeitos da estilização literária. Há, em Bueno, certo maneirismo, tanto no discurso quanto nos temas, e alguma obviedade, que resulta do cordão umbilical com o hipertexto kafkiano.

Enquanto em Kafka a História entranha o tecido ficcional como alegoria do referente e premonição dos caminhos da humanidade, em Wilson Bueno o apelo à História é pré-concebido como denúncia da exploração capitalista e dos desníveis da sociedade. Se, nos textos de Kafka, o horror ontológico e social é fruto da História, que irrompe no texto como indignação e patemiza o leitor, na narrativa de Bueno a denúncia a que o narrador se propõe é discurso racionalizado. Em Kafka, a emoção passional do narrador toma conta do narratário, e assim a *timia* emerge como tensividade básica; em Bueno, prevalece a *foria*, pois o emocional do narrado tem fundo cognitivo e assim é apreendido pelo leitor.

Mas se a História está na intencionalidade do discurso social e econômico que elabora *A copista*, qual o efeito de sentido produzido pela obra de Wilson Bueno?

Seguindo o procedimento comparativo, vemos como índice de autoria da ficção kafkiana o *unheimlich* preconizado por Freud, uma vez que a linguagem formal do escritor é simultaneamente estranha e familiar. Assim, a obra de Kafka nos coloca em um labirinto que se multiplica incessantemente, tornando-se beco sem saída. Em Bueno, a linguagem que emula tal entretecido texto não causa estranheza, e o que é ontologia e História torna-se mensagem de que devemos resolver problemas sociais e econômicos.

Claro está, a obra de Wilson Bueno, de *per si*, não parece assim tão mecânica – tal decifração emerge do contraponto entre o hipotexto e sua inspiração. A leitura de “Sereia”, às páginas 188-190 de *A copista de Kafka*, nos serve de exemplo. Tema retomado da tradição homérica e de ao menos dois textos de Kafka, para Bueno é oportunidade de fazer metaficção prenehe de silêncios, os vazios sendo preenchidos pela memória dos textos que invoca. Se o leitor não supre o elidido, a trama tecida pelo copista perde ossatura e músculos, tornando-se insolúvel charada sem chave.

O mito assim relido desfaz-se e a ausência que é intertexto indicia, pelo silêncio, a civilização sem saída das sereias kafkianas, que aliás não cantam: sua voz é lamento por serem estéreis, mas à passagem de Ulisses silenciam, em protesto pela artimanha maliciosa do herói. Em Kafka, as sereias ameaçam os argonautas porque, visual e auditivamente, instigam os instintos; em *A copista*, a ênfase única é na audição do herói.

O desejo, amordaçado pela cera nos ouvidos marinheiros ou pelas correntes que amarram Ulisses ao mastro, torna-se – em Bueno – proselitismo sobre “[...] a testemunha inaugural de que inexistente salvação para os homens da terra.” (BUENO, 2007, p.190). É como discurso em *foria* que a civilização sem saída, patemizada em *timia* por Kafka, agora ressurgir.

A narrativa de Bueno (2007) tem, entretanto, qualidades outras que asseguram a importância a ela atribuída – por Boris Schnaiderman, na orelha do livro – de “verdadeira criação do nosso século.” O escritor mostra mais uma vez amplo ecletismo intertextual e a mão segura de autor que constrói uma voz pessoal. O mais importante, no entanto, é o deslizamento das fronteiras: temos um volume de contos ou um romance? Decifrar tal enigma permanece desafio. Muito embora os limites entre os gêneros sejam questionados ao menos desde o Romantismo, Wilson Bueno, em *A copista de Kafka*, reafirma sua inquieta coragem de criador, uma vez que a obra re-propõe – como realização, não como panfleto – impasses e ambiguidades de gênero que a teoria ainda não deslindou.

## REFERÊNCIA

SAMOYAUULT, T. **A intertextualidade**. Tradução de Sandra Nitrini. São Paulo: Hucitec; Aderaldo & Rothschild, 2008.

